

A influência das reformas urbanas parisienses no Rio de Janeiro dos anos 20

Adriana de Oliveira Tourinho*

Resumo:

O presente trabalho pretende discutir as influências das reformas urbanas parisienses (1853-1870) de Haussmann no Rio de Janeiro na década de 1920. O estudo se concentra especificamente no processo de destruição do Morro do Castelo e analisa o impacto do modelo francês não apenas nas reformas cariocas, como nas discussões existentes em torno da destruição do morro e seus monumentos. Havia neste momento uma grande preocupação em inserir o país no padrão internacional de modernidade, onde a organização do espaço urbano da capital tinha grande destaque. Sendo o Morro do Castelo chamado por muitos de berço da cidade, já que foi o primeiro local de grande concentração urbana no Rio de Janeiro, a inserção de seu arrasamento nos projetos de remodelação da cidade levantou questões, já antes discutidas na França, sobre a legitimidade de destruir prédios históricos no processo de modernização do espaço urbano.

Palavras chave: Urbanização – Morro do Castelo – Modernidade

a) A reforma de Haussmann em Paris

As reformas urbanas parisienses executadas na segunda metade do século XIX foram resultado dos desejos de Napoleão III, que, inspirado nas várias cidades que conheceu pelo mundo, queria uma capital unificada, com avenidas largas, ventiladas, bonitas, saudáveis, com parques e acomodação decente para os menos favorecidos¹. Esta era a tendência de todas as grandes capitais européias inseridas na modernidade da qual o Brasil queria fazer parte. Assim sendo, foi imensa sua influência em vários momentos em que se pensou uma reorganização urbana na capital brasileira no início do século XX.

Paris não foi pioneira em reformas urbanas, mas a dimensão das suas transformações foi marcante no mundo todo, servindo de referência para vários países na Europa e nas Américas. Napoleão III colocou Georges Eugène Haussmann, o barão de Haussmann, como prefeito de Paris e conseguiu fazer uma reforma enorme e única, que transformou para sempre os hábitos da população.

O que destacou a reforma de Haussmann das outras reformas já vistas foi sua abordagem total das mudanças a serem feitas e dos problemas a serem sanados. Os diferentes setores que sofriam modificações se conectavam por um plano global de cidade planejada. O projeto não era

* Mestranda, bolsista CAPES

¹ MONCAN, Patrice de; HEURTEUX, Claude. *Le paris de Haussmann*. Paris: Les Édition du Mécène, 2002. p. 29-31.

apenas de embelezar determinadas partes da cidade, mas sim de arrumá-la no seu conjunto rompendo com estas divisões. A organização é pensada em uma articulação de redes e sistemas. Redes devem ser aqui entendidas como elementos que conectam a cidade, como ruas que estão ligadas com as estações de trem internacionais e as redes subterrâneas de esgoto, água e gás. Já os sistemas são os que colocam em prática redes técnicas de infraestrutura e implantação de todos os equipamentos necessários que deveriam atingir todas as regiões da cidade.

A intervenção de Haussmann fez de Paris o primeiro paradigma da metrópole industrial que representava uma nova disciplina (o urbanismo) que queria transformar o espaço urbano em objeto de ciência aplicada². Haussmann chega mesmo a ser considerado alguém que, sem saber, foi um dos fundadores das bases do urbanismo, sendo incontornável no seu estudo. O próprio fundador do urbanismo enquanto disciplina autônoma, o catalão Ildefonso Cerda³, sempre admitiu sua dívida com o prefeito Haussmann como o primeiro a ter tratado uma cidade globalmente, como um objeto relevante da ciência⁴.

Haussmann ocupou o cargo de prefeito por dezessete anos (1853-1870), e assumiu o desafio de transformar uma cidade, que se tornava anacrônica diante dos novos desafios da revolução industrial. A velha Paris com suas ruas tortuosas e estreitas apresentava graves problemas de higiene, circulação, iluminação e acomodação da população cada vez mais numerosa. A cidade já havia passado por sérias epidemias que eram agravadas em alguns locais centrais pela falta de circulação de ar, carência de distribuição de água potável, ruas insalubres e um sistema de esgoto obsoleto.

Sendo Haussmann um homem muito ligado aos modos de evolução da ciência de seu tempo, suas reformas são empreendidas dentro do espírito, dominante na sociedade desde meados do século XIX, de valorização dos engenheiros e industriais. Os arquitetos tinham pouco espaço nos projetos do prefeito, que dava preferência aos engenheiros e, como muitos de sua geração, acreditava na superioridade da ciência frente à arte, que deveria necessariamente vir conciliada com a utilidade.⁵. Seguindo esta tendência, a arquitetura do Segundo Império na França foi marcada, inclusive na legislação, pela preocupação com a uniformidade e linearidade das avenidas e de suas construções.

² CHOAY, Françoise. Introduction. In: HAUSMANN, Georges Eugène. *Memoires*. Paris: Seuil. 2000. p. 9-39, p. 12.

³ CERDA, Idelfonso. *Théorie générale de l'urbanisation*, Madrid, 1867. Adaptação francesa, Paris: Édition du Seuil, 1979.

⁴ CHOAY, *Op. cit.*, p.10.

⁵ MONCAN, Patrice de; HEURTEUX, Claude. *Le paris de Haussmann. Op. cit.* p. 159.

Na proposta de organização urbana de Haussmann ficam nítidos os principais problemas, preocupações, anseios e valores considerados centrais no desenvolvimento social da cidade nas últimas décadas do século XIX. Para realizar seus projetos de intervenção global, foi necessário o estudo de diversas áreas, bem como das condições agrícolas, industriais e históricas, que eram muitas vezes complementadas com informações de locais estrangeiros e contavam com uma equipe dos mais renomados profissionais de diferentes áreas científicas.

No aspecto financeiro, onde o prefeito foi mais duramente criticado, havia o plano de fazer investimentos rentáveis e utilizar a receita municipal no pagamento dos juros e no abatimento dos empréstimos contraídos, não sobrecarregando deste modo o contribuinte ⁶. Uma obra de tal dimensão só poderia ser feita com recursos igualmente enormes, já que se propunha a atingir todas as regiões e habitantes da cidade.

Igualmente aos outros empreendimentos do prefeito, a criação de áreas verdes e a arborização das ruas foi feita de forma alinhada, contando com técnicas avançadas e originais e exigindo profissionais qualificados em construção, jardinagem e irrigação. As novas opções de lazer representadas pelos grandes jardins e parques mudaram a vida social do parisiense, que passou a fazer passeios regularmente contando com o apoio de médicos e higienistas. Este novo hábito virou moda e foi passado internacionalmente, marcando a imagem da cidade que era cada vez mais copiada.

Era com orgulho que a França mostrava para o mundo sua reforma urbana. As grandes ocasiões para mostrar o grande avanço das técnicas, embelezamento e organização de Paris foram as Exposições Universais de 1867, 1878 e 1889. Os grandes intelectuais deste período viam estas exposições como uma ocasião de fazer um balanço do progresso da humanidade, um momento de autoconhecimento, onde cada país mostrava sua potencialidade. Nestes momentos se exibia o domínio cada vez maior da ordem sobre a desordem e a articulação da natureza com as novas técnicas de construção e aparelhamento urbano. Igualmente importante de se mostrar era a eficiência na união de saberes variados que em pouco tempo fizeram muitas conquistas no espaço, já que antes destas mudanças não havia nem mesmo uma grande quantidade de hotéis luxo capazes de absorver os visitantes.

⁶ MONCAN, Patrice de; HEURTEUX, Claude. *Le paris de Haussmann. Op. cit.* p. 67.

Além das exposições, as reformas urbanas também foram valorizadas e difundidas em duas obras financiadas por Haussmann: *Les Travaux souterrains de Paris, e Les Promenades de Paris*⁷.

Quando Haussmann deixou a prefeitura, a cidade estava completamente transformada, com uma nova estética nas fachadas dos prédios que se encontravam alinhados em amplas avenidas arborizadas, iluminadas, com novos serviços, prédios públicos recém-construídos (como escolas, hospitais e a ópera) e um transporte reorganizado e modernizado. Estas mudanças trouxeram para o espaço moderno o mobiliário urbano (expressão que não se conhecia antes do Segundo Império⁸) que ao mesmo tempo em que decorava era importante para a vida moderna trazendo segurança (na claridade – a iluminação a gás triplicou), higiene (nas fontes e banheiros públicos) e conforto.

b) Discursos parisienses contrários à derrubada de monumentos

Embora as reformas de Haussmann tenham marcado Paris, sendo até hoje referência na valorização e especulação imobiliária, por diversas razões elas não foram apoiadas de forma unânime, tendo, ao contrário, que enfrentar críticas e entraves de diversas origens. Contudo, em obras de tal magnitude, estas resistências não foram uma surpresa, já que se propunha mudar radicalmente a aparência e a vida de uma das maiores cidades da Europa e de seus habitantes.

Sem dúvida, os interesses políticos dos opositores contribuía muito para que as obras de remodelação da cidade fossem contestadas. Mas havia, além disso, diferentes opiniões em torno da necessidade de se reformar todo o espaço urbano, do modo como deveria ser feito e do preço a ser pago por isso. As principais críticas recaíam sobre o excesso de gastos financeiros; a falta de habitações populares para os que foram desalojados; os transtornos causados com a transformação de Paris em um canteiro de obras; a denúncia de estratégia militar oculta sobre as reformas (já que grandes avenidas inibiam motins populares); e o saudosismo em torno da velha cidade familiar que seria demolida.

Este último ponto nos interessa diretamente, uma vez que diz respeito a discussões em torno de prédios que seriam destruídos em nome da modernidade. Também aqui fica evidente a

⁷ LANDAU, Bernard; GAUTHIER, Vincent Sainte Marie. Actualité de l'ouvre Haussmannienne. In: HAUSMANN, Georges Eugène. *Memoires*. Paris: Seuil. 2000. p. 41-58, p.57.

⁸ *Idem, Ibidem*, p. 168.

questão da atribuição de valor e da legitimidade da destruição de determinadas construções ou conjuntos arquitetônicos em nome de um novo ideal de organização da cidade. Isso merece uma análise mais aprofundada, pois lida com conceitos que estavam em construção e sofreram modificações ao longo do tempo.

A proteção, preservação e restauração de monumentos históricos singulares não eram novidades, já tendo sido instauradas por um decreto em 1830 e se tornado uma causa nacional. Haussmann não ia de modo ao algum contra este tipo de preservação e não pretendia destruir monumentos de valor reconhecido. Ele inclusive pretendia impedir em sua administração a destruição de qualquer monumento digno de interesse ou edifício precioso para a arte⁹.

O prefeito não mentia quando fazia estas afirmações, contudo é neste ponto que cabe a análise de quais elementos deveriam estar presentes em um monumento para que lhe fosse atribuído valor. Os critérios que determinavam o que seriam considerados monumentos históricos sofreram alterações ao longo do tempo, e muitos prédios destruídos na reforma de Haussmann (que hoje talvez fossem preservados como representantes da arquitetura de períodos específicos) não passavam de obstáculos na execução do projeto de reforma urbana. Foi apenas após o fim do Segundo Império que começou a surgir com força na França a possibilidade de integração de edifícios cotidianos e populares na categoria de monumentos.

É inegável que muitas construções clássicas foram destruídas nas remodelações do período de Haussmann e algumas vezes se manifestaram contra estas demolições na época em quem elas ocorreram. No entanto, estas críticas foram isoladas, tendo pouca repercussão, e nem foi a elas que Haussmann respondeu nas publicações que fez em defesa de sua gestão¹⁰.

Apesar da valorização de monumentos históricos emblemáticos, no Segundo Império a noção de patrimônio urbano ainda não existia, e a conservação de conjuntos arquitetônicos antigos impediria os novos avanços da organização urbana. A França não foi um dos primeiros países a tratar desta questão que começou lentamente na Inglaterra, passando pela Áustria e sendo posteriormente discutida na Itália, onde a expressão *patrimônio urbano* começou a ser utilizada em 1914¹¹.

⁹ CHOAY, Françoise. Introduction. In: HAUSMANN, Georges Eugène. *Memoires*. *Op. cit.* p. 23.

¹⁰ O maior exemplo disso foi a publicação de suas memórias após o fim de seus mandatos.

¹¹ CHOAY, *Op. Cit.*, p. 24.

A concentração das reações contra a derrubada de muitos imóveis da antiga Paris em apenas alguns grupos preocupados com a perda da identificação dos habitantes com a cidade é um dos sintomas do atraso da França na consideração do patrimônio urbano. Eram bem definidos os monumentos que representavam a nação e mereciam ser preservados e não havia espaço para se formar uma discussão de grande alcance em torno da valorização ou não de determinadas construções, e sua conseqüente preservação, por seu caráter antigo ou representativo de outras épocas da vida da cidade.

Isso fica ainda mais evidente quando se observa que não foi apenas uma questão isolada de estética urbana que levou à destruição de construções antigas (muitas vezes em quarteirões inteiros), mas também as péssimas condições de higiene e insalubridade que elas representavam, sendo uma grave questão de saúde pública. Uma idéia de reurbanização desta área e recuperação de imóveis não fazia parte do universo de possibilidades praticadas neste momento. Além disso, este era o momento de entrar na modernidade, colocar a aparência da cidade em sintonia com os avanços da indústria e dominar a natureza a favor dos projetos de progresso da humanidade. A ciência era mais do que nunca valorizada, e seu uso na organização do espaço e bem estar da população era muito bem vindo.

Atualmente, a organização urbana e grande parte dos prédios mais valorizados de Paris datam da reforma de Haussmann e marcam mundialmente a arquitetura parisiense. Contudo, um dos argumentos contra a realização dos projetos foi justamente que sua megalomania e excesso de zelo pela geometria tornavam Paris uma cidade feia, monótona e impessoal. Estas críticas vinham de grandes nomes como Victor Hugo e os irmãos Goncourt que não se reconheciam dentro da nova cidade:

Je suis étranger à ce qui vient, à ce qui est, comme à ces boulevards nouveaux sans tournants, sans aventures de perspective, implacables de ligne droite, qui ne sentent plus le monde de Balzac, qui font penser à quelque Babylone américaine de l'avenir.¹²

Houve também os mais moderados que, ainda que estivessem ligados à velha Paris, estavam de acordo com a necessidade de modernização da cidade, aliando isso à busca pelo progresso:

Entendons nous, cependant. Qu'on jette bas les rues malsaines et qu'on ouvre des voies spacieuses ; qu'on fasse place au soleil dans les quartiers

¹² GONCOURT, Edmond. *Journal de Goncourt*. Paris: [s.n.], 18 nov. 1860. t. 1.

sombres ; qu'on donne à Paris des poumons là où il éprouve de la peine à respirer, il le faut, puisque l'hygiène l'ordonne et que le progrès l'exige. Mais partout où l'intérêt de la santé publique, partout où le développement inévitable de la civilisation ne prescrivent pas à l'édilite parisienne de se montrer impitoyable, grâce pour le vieux Paris ! grâce pour les restes visibles de ce passé que le présent ne saurait détruire dans tout ce qui le rappelle sans commettre le crime de parricide ! Grâce ... eh bien, oui, grâce pour quelques-unes des verrues et de taches qu'aimait Montaigne!¹³

Em um cenário em que a ciência tinha cada vez mais credibilidade e o trabalho dos engenheiros assumia uma enorme importância não sobrava muito espaço para críticas nostálgicas de um passado que se perdia. Para a maioria dos contemporâneos da reforma do Segundo Império, especialmente os que estavam ligados à administração, a Paris que desaparecia representava apenas uma cidade decadente e insalubre, incompatível com os novos avanços tecnológicos.

A necessidade destas mudanças se torna ainda mais urgente quando se considera o discurso de muitos apaixonados pela cidade que a colocavam como a grande representante da humanidade, considerando que o mundo deveria se unir a seus valores:

O France, adieu! tu es trop grande pour n'être qu'une patrie. Encore un peu de temps, et tu t'évanouiras dans la transfiguration. Tu es si grande que voilà que tu ne vas plus être. Tu ne seras plus France, tu seras Humanité. [...] Adieu, Peuple! salut, Homme! Subis ton élargissement fatal et sublime, ô ma patrie, et, de même qu'Athènes est devenue la Grèce, de même que Rome est devenue la chrétienté, toi, France, deviens le monde.¹⁴

Neste ambiente, valores que caracterizavam um monumento eram os ligados ao marco que este objeto representava para a sociedade. Assim sendo, não se discutia a fundo nos projetos de reforma a preservação de prédios que pudessem testemunhar modos de vida de períodos passados, pois esta não era uma característica que imprimia valor a conjuntos arquitetônicos. Deste modo, o impulso na busca pelo progresso era tão acelerada que os poucos que manifestaram seu sentimento de perda em relação ao tipo de vida que antes ditava o ritmo de vida na cidade não possuíam espaço.

¹³ BLANC, Louis. Le Vieux Paris. In: ULBACH, M. Louis (Ed.). *Paris Guide*. Paris: Librairie Internationale, 1867. p. 4-7. p. 7.

¹⁴ HUGO, Victor. Introduccion. In: ULBACH, M. Louis (Ed.). *Op. cit.* p.I-XLIV. p. XLIII-XLIV.

c) A influência francesa nas reformas brasileiras do início dos anos 20.

O objetivo de Haussmann de transformar a capital da França tornando-a moderna e arejada foi largamente alcançado e exportado para o mundo inteiro. As largas avenidas de Paris viraram uma referência, sendo mundialmente copiadas, principalmente por países emergentes da América do Sul.

Nos primeiros anos do século XX o Brasil estava na efervescência da *belle époque*, e o estilo de vida parisiense, mais do que uma influência, era uma meta a ser atingida. Na ânsia de entrar na modernidade neste período, o caminho mais natural utilizado era o de copiar os modelos de desenvolvimento aplicados nas grandes capitais européias. E neste ambiente, a reforma urbana de Paris também inspirou mudanças na reformulação do aspecto urbano da capital federal brasileira.

Sendo o primeiro impacto causado nos visitantes, a organização do espaço era extremamente importante na produção da imagem do país. Sabendo disso, o governo procurou investir em reformas urbanas na capital, que deveria ser a vitrine de um país que queria ser reconhecido como parte do mundo moderno do progresso. E o melhor exemplo deste esforço foram as reformas do Rio de Janeiro efetuadas por Pereira Passos nos primeiros anos do século XX, ainda que estas não tenham tido nem a dimensão nem a proposta de abordagem total de Haussmann.

Neste empreendimento, o modelo de ventilação, circulação e estética das avenidas de Paris era tido como a grande inspiração a ser seguida, e a imitação de seus modelos seria um caminho para ter um centro urbano moderno.

Contudo, já no período de comemoração do Centenário da Independência (que começou a ser discutido no início da década de 1920) a euforia da *belle époque* estava enfraquecida e havia uma certa contestação em torno de seus modelos. Muitos setores estavam insatisfeitos com os caminhos tomados pela República, e algumas das muitas críticas que surgiam combatiam justamente o excesso de importação de valores estrangeiros. Agora ainda se procurava a modernidade, mas não através da cópia simples, mas sim da criação de uma versão brasileira para esta modernidade. Buscava-se definir os valores que representavam o Brasil e deveriam ser exaltados, mantidos, e exportados. Os avanços científicos e a engenharia continuavam tendo

lugares privilegiados, mas agora havia uma maior flexibilidade e os arquitetos começavam a ter mais espaço.

A modernidade teve um papel importantíssimo nas primeiras décadas do século XX, sendo central nas discussões sobre o futuro do Brasil e refletindo inevitavelmente nas questões urbanísticas do Rio. E foi inclusive nesta busca de definições de valores nacionais que surgiu o movimento modernista se dispondo a redescobrir o país. Embora já houvesse desde o final do século XIX produções literárias, como de Euclides da Cunha, que se compunham nos moldes modernistas e chamavam a atenção para características que diziam ser representantes genuínas do Brasil, na década de 1920 o espaço para estas discussões é ampliado e ganha adeptos em diversos segmentos da intelectualidade brasileira.

Havia entre os intelectuais posturas diferentes na busca pela originalidade nacional. De um lado havia os que queriam adequar a realidade nacional ao ritmo frenético das mudanças urbanas e industriais. Estando sintonizado com as vanguardas européias, este grupo valorizava o progresso das grandes capitais. Do outro lado estavam os que repudiavam os avanços industriais e a vida urbana do litoral, propondo um retorno e valorização da natureza e do campo¹⁵.

Estas posturas diferentes vão ao encontro do que Francisco Foot Hardman, apresentando o que chama de maquinismo moderno na cultura brasileira da virada do século, aponta como dois pólos opostos que coexistem: um pólo que adere aos valores próprios da civilização técnica industrial, em oposição a um outro pólo que rejeita o mundo fabricado da revolução industrial¹⁶. Ao lado dos ideais modernistas dos acadêmicos e engenheiros de obras públicas, havia grupos que compunham o país sem fazer parte desta realidade, e era justamente neste campo que os tradicionalistas diziam encontrar as virtudes da civilização brasileira, longe do progresso das máquinas do meio urbano. Os choques existentes entre tradição e modernidade (que já haviam sido detectados em sua forma incipiente por alguns escritores do século XIX), não puderam mais ser ignorados quando todos se voltavam para definição, apreciação, preservação e divulgação de valores originalmente nacionais nos anos 20.

¹⁵ Marly Motta discute esta questão de modo mais aprofundado, mostrando de modo claro esta dicotomia nos grupos intelectuais, que mesmo propondo caminhos diferentes “se unem pela oposição às pretensões da razão universal derrotada na guerra, e advogam a originalidade de cada nação”. MOTTA, Marly. Silva da. *1922: em busca da cabeça do Brasil moderno*. Rio de Janeiro, CPDOC, 1994. 8f. p. 5.

¹⁶ HARDMAN, Francisco Foot. Antigos Modernistas. In: NOVAES, Aduino (org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 291-292.

Isso não quer dizer que os modelos de organização das cidades européias, especialmente Paris, tenham parado de influenciar os projetos nacionais. Isso continuou acontecendo, mas estes modelos agora deveriam vir aliados a valores nacionais cada vez mais discutidos. O Estado certamente assumia a postura dos que queriam ajustar os valores nacionais ao progresso, e encontrou nas comemorações do Centenário da Independência a ocasião para fazer estes ajustes. Assim como Paris tinha um papel predominante na França, o Rio de Janeiro ganhava investimentos para assumir a posição de centro de civilização e progresso no Brasil, sendo o grande representante do país.

A modernidade trazia novas práticas que influíam diretamente no cotidiano ao acelerar o ritmo das trocas e das aplicações de novas técnicas. A perplexidade diante da nova realidade e a velocidade das mudanças também aparecia nas críticas às modificações urbanas e à mudança que estas causavam nos hábitos da população, que acabavam levando a um nacionalismo conservador, onde o Estado assumia um papel de regenerador.

Da mesma forma como ocorreu na França de Haussmann, nas reformas empreendidas por Pereira Passos e por Carlos Sampaio em 1920 o Estado assumiu um papel regulador, de intervenção direta nas reformas. Até o fim do século anterior, estas medidas eram tomadas por particulares, mas agora, a vontade de aproximar o Rio de Janeiro das grandes capitais internacionais cooperou para um maior controle do Estado no espaço urbano.

A preocupação de Paris em impressionar os visitantes das exposições universais organizadas na cidade na segunda metade do século XIX foi a mesma das autoridades brasileiras na organização da exposição universal de 1922 no Rio de Janeiro. A capital do país, que era autônomo há cem anos, se preocupava em passar uma idéia de progresso através da organização de projetos e atividades, que tiveram seu auge na derrubada do morro do Castelo e na utilização de seu terreno parcialmente livre para os pavilhões da exposição.

Em um país conhecido mundialmente como essencialmente agrário, havia uma grande preocupação em valorizar o interesse na ciência, mostrando o Brasil não apenas como produtor, mas como um local com potencial industrial que vinha recebendo investimentos.

Embora a moda das exposições universais já tivesse passado há algum tempo, no Brasil ainda era uma novidade que causou grande mobilização e iniciativas de investimentos, pois era agora que o país tentava alcançar o patamar de cidades industrializadas que passaram pelo processo de reorganização urbana no século anterior. Neste momento, ao invés da cópia de

modelos afrancesados pré-estabelecidos, a busca pela identidade nacional pesava aliada ao progresso, com a novidade de uma autonomia muito maior para engenheiros e arquitetos na construção de um espaço urbano confortável, saudável e moderno.

Conclusão

O estudo da organização das cidades permite uma análise aprofundada não apenas da dinâmica de uma sociedade, como dos valores importantes no seu funcionamento. Ao viverem em uma cidade, seus habitantes se identificam com seu espaço e os imóveis neles presentes, cuja disposição influenciam diretamente nas suas práticas cotidianas. Quando uma construção está muito ligada a um evento do passado, ou representa um período de evolução daquela cidade, sua destruição elimina marcos de identidade. Assim o foi com a eliminação de prédios e disposição de ruas centenárias de Paris por Haussmann, e nas reformas urbanas do Rio de Janeiro no começo do século XX, em especial do morro do Castelo, marco da história local como representante do início da evolução urbana da cidade.

Há sem dúvida uma relação entre as cidades e a memória de seus habitantes, onde a cidade é um lócus da memória coletiva¹⁷. Em projetos de reformulação do espaço urbano com previsões de mudanças tão profundas no seu modo de organização, como no caso parisiense, há uma tentativa de imprimir novos valores na vida cotidiana da população.

No caso do Rio de Janeiro não foi diferente. Ainda que as grandes mudanças mais profundas e gerais na organização da zona central da cidade tenham sido realizadas sem dúvida no início do século com Pereira Passos, nos anos 20, com Carlos Sampaio, as novas intervenções adquiriam novos contornos, mas as influências do tipo de reforma francesa ainda são visíveis. Apesar de neste momento a cópia dos modelos europeus de modernidade dar lugar a uma busca de adequação das características nacionais ao progresso científico, o modelo de higienização e modernização da reforma francesa continua sendo perseguido. A valorização das ciências, indústrias, engenharia e saneamento continuou existindo.

¹⁷ Dentro da produção historiográfica que lida com o tema mais abrangente da importância da configuração da cidade e seus monumentos na memória coletiva, Afonso Carlos Marques dos Santos analisou a relação entre museus e cidades, colocando a cultura como lugar de criação humana por excelência e a cidade como um tema que possui várias significações imaginárias sociais. SANTOS, Afonso Carlos Marques dos. O museu na arquitetura da cidade: cultura urbana, história e representação. In: SANTOS, Afonso Carlos Marques; KESSEL, Carlos; GUIMARÃES, Ceça (org.). *Museus e cidades: Livro do Seminário Internacional*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2004. p. 11-24.

No início da década de 1920, no ambiente de comemoração do Centenário da Independência, a nação ficou no centro das atenções e gerou busca de identificação nacional, concentrada sem dúvida na capital federal. Alcançar a modernidade exigia mudanças e a destruição do morro do Castelo foi a principal delas. Embora o objetivo não fosse a eliminação de um grande marco na memória da história da cidade, este foi um preço pago no esforço para se identificar com novos valores da modernidade, que não poderia ceder a uma manutenção de vínculos com o arcaico representado pelo morro. Além disso, a posição do Castelo de marco histórico do Rio de Janeiro não era estabelecida nem amplamente aceita.

Da mesma forma que a reforma de Paris não teve espaço para os apelos dos que lamentavam a destruição da velha cidade e sua dinâmica, as intervenções no espaço urbano carioca não foram abaladas pelos que protestavam contra a destruição do morro que diziam ser o berço da cidade, contendo prédios históricos como a primeira igreja e o primeiro colégio dos jesuítas.

Estes ditos apelos sentimentais dos intelectuais cariocas que lamentavam a destruição do castelo utilizaram curiosamente os mesmos argumentos dos que lamentavam a destruição da antiga Paris e em ambos os casos foram ignorados. Enquanto na França projetos de preservação do patrimônio urbano, que fugisse dos grandes monumentos emblemáticos e simbólicos da nação, só emergiram com força no final do século XIX, no Rio de Janeiro a busca pela modernidade não dava espaço para a preservação do arcaico. Os projetos urbanos atuavam no sentido de identificar a capital federal com o progresso, e as características nacionais valorizadas seriam necessariamente apenas aquelas que pudessem se adequar ao ritmo do progresso.

A questão, já antes discutida na França, sobre a legitimidade de destruir prédios históricos no processo de modernização do espaço urbano, se torna muito flexível quando não há, como no caso do Brasil nos anos de 1920, qualquer órgão (como o SPHAN criado apenas em 1937) que regule o que pode ser considerado ou não uma construção histórica. Uma vez que ao morro do Castelo apresentava características totalmente contrárias aos modelos de higienização, ventilação e organização do espaço urbano moderno, era mais conveniente identifica-lo ao arcaico, desvalorizar seu caráter histórico, e fazer de sua destruição um marco de domínio da natureza e remodelação do espaço urbano tal qual as grandes nações européias.